

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

22 de Março de 2024

50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - Revolução

## UNDERGROUND / 1976

*Um filme de Emile de Antonio  
Haskell Wexler e Mary Lampson*

*Estrutura narrativa:* Emile de Antonio, Haskell Wexler, Mary Lampson; inclui o poema "A Mongo Affair", de Miguel Algarin / *Imagem (16 mm, cor):* Haskell Wexler; fotografia adicional: Chris Burrill, Linda Jassim (imagens do Los Angeles Employment Center), Carlos Ortiz (imagens do South Bronx) / *Montagem:* Emile de Antonio, Mary Lampson / *Com as presenças de:* Bill Ayers, Cathy Boudin, Bernardine Dohrn, Jeff Jones, Cathy Wilkerson (membros do Weather Underground), Emile de Antonio, Haskell Wexler, Mary Lampson.

*Produção:* Emile de Antonio e Haskell Wexler para Action 27 Inc. (Nova Iorque) / *Cópia:* do Arsenal (Berlim), 16 mm (suporte original), versão original com legendas em inglês para as partes faladas em espanhol e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 89 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 4 de Fevereiro de 2012, no âmbito do ciclo "O Primeiro Século do Cinema.

O filme inclui trechos de: ATTICA (Cinda Firestone), BERKELEY STREETFIGHTING (Stephen Lighthill), COLUMBIA, ONLY THE BEGINNING; EL PUEBLO SE LEVANTA; SAN FRANCISCO STATE (Third World Newsreel), DON'T BANK ON AMERICA (Peter Biskind, Steve Hornick, John Manning), FIDEL (Saul Landau, Irving Saraf), IN THE YEAR OF THE PIG (Emile de Antonio), INTRODUCTION TO THE ENEMY (Indochina Peace Campaign Films), THE MURDER OF FRED HAMPTON (Mike Gray, Howard Alk), THE SIXTH SIDE OF THE PENTAGON (Chris Marker), THE STREETS BELONG TO THE PEOPLE (Rufus Diamant).

\*\*\*\*\*

*Compartilhamos certas ideias:  
como eu, vocês acreditam na História.  
Os Americanos já não acreditam na História,  
a nossa História foi destruída pela televisão.  
Gostaria de fazer um filme convosco.  
Emile de Antonio,  
na carta dirigida aos Weather Underground,  
em que expunha o seu projecto para **Underground**.*

Antepenúltimo filme de Emile de Antonio, **Underground** fez com que o cineasta desse um novo passo na sua análise crítica da política norte-americana. Depois de ter abordado, em filmes essencialmente de montagem, episódios célebres e sintomáticos das falhas e mentiras do sistema político americano - o macarthysmo, o apressado inquérito sobre o homicídio de John Kennedy, a Guerra do Vietname - Emile de Antonio opera uma espécie de "contra-campo" metodológico: põe-se ao lado daqueles de cujo lado estava, a extrema-esquerda militante, que foi tão profusa nos anos 60 e 70. O filme nasceu de um gesto dos Weather Underground (parece nome de banda rock mas não é), o grupo militante que é entrevistado no filme e que depois de uma longa luta política e de algumas ações espetaculares (entre as quais uma bomba no Congresso americano) mergulhara na clandestinidade. No Verão de 1974 o grupo publicara o livro *Prairie Fire* ("basta uma centelha para incendiar uma planície", lê-se na capa), que longe de ser um panfleto para a luta armada é "uma tentativa de analisar a vida e a sociedade americanas de um ponto de vista marxista, o que não é fácil", observa o realizador. "Também fiquei impressionado com o facto deles quererem, com este livro, alargar o círculo de pessoas à volta deles e chegar às pessoas por outros caminhos que não o terrorismo". Conhecido homem de esquerda, de Antonio recebeu um exemplar pelo correio, enviado pelo próprio Weather Underground e quis imediatamente fazer um livro sobre eles. Depois de alguns contatos regidos pela prudência absoluta que comanda a vida de quem vive na clandestinidade ("parecia um filme sobre a resistência na Segunda Guerra Mundial"), o realizador e os interessados chegaram a um acordo sobre o filme. Antes, foi preciso convencer Haskell Wexler, "marxista há trinta anos e ótimo operador de câmara", que dizia

que os Weather Underground eram uns terroristas loucos, mas que se entusiasmou pelo projeto depois de os encontrar. O filme foi feito no Verão de 1975, apenas algumas semanas depois da derrota americana no Vietname, com a chegada das tropas comunistas a Saigon e a fuga de diversos americanos de helicóptero, do telhado da sua embaixada, fotografada, filmada e vista no mundo inteiro, numa gigantesca humilhação. É preciso ter em mente este contexto, pois a profunda e sincera alegria da esquerda americana diante da derrota do “complexo militar-industrial” (era assim que se dizia) numa guerra a que ela sempre se tinha oposto foi indescritível. O FBI tentou confiscar o material filmado por Emile de Antonio, mas importantes figuras de Hollywood (Peter Bogdanovich, Shirley McLaine, Warren Beatty, Harry Belafonte, Robert Wise) entraram em defesa do filme e o governo recuou.

Depois de várias reuniões e discussões sobre o que seria filmado, a rotação durou dois dias e meio. Um dos princípios de base do Weather Underground é que ninguém interrompia nunca aquele que tinha a palavra. No entanto, isto não funcionava no filme e depois de rodar uma bobine, o realizador explicou-lhes que não se podia fazer um filme assim, que era preciso adotar outro método, o que foi feito. Além disso, como era impensável mostrar o rosto dos militantes, Emile de Antonio adoptou dois métodos para ocultá-los. O primeiro é um véu, que tem um efeito literal e simbólico, pois oculta os rostos e sublinha a distância entre o espectador, o americano comum, e aquelas pessoas. O segundo é mais complexo. Vemos apenas a cabeça dos entrevistados, de costas, ao passo que o operador de câmara está de frente para o espectador (e de frente a um espelho, como se pode constatar pelas letras dos dois cartazes que vemos), como estão os entrevistadores, Mary Lampson e Emile de Antonio. A presença contínua e frontal da câmara é a maneira mais eficaz de lembrar ao espectador que está diante de um filme ao qual não se pode abandonar, que exige tensão e atenção.

De maneira inteligente e racional, o filme está dividido em duas partes. A primeira focaliza o grupo dos Weather Underground e na segunda o filme se alarga para o contexto das lutas políticas dos dez anos anteriores à rotação. Como é inevitável em qualquer discussão sobre a revolução e a luta armada numa sociedade onde estas opções parecem (e revelaram-se) absolutamente impossíveis, como foi o caso nas prósperas sociedades dos países industrializados onde houve estas tentativas, há muita conversa no ar, muita retórica, pois neste contexto a “*revolução*” é antes de tudo um discurso. Mas, menos ingénuo do que idealista, este discurso não é tacanho ou sectário, contrariamente ao que costuma ser regra com estes grupos. Não estamos de todo num mundo análogo ao que é mostrado em **Die Dritte Generation** de Fassbinder, por mais que a sátira deste filme seja certa. Em **Underground**, o gosto pela violência, que fazia inegavelmente parte da militância de extrema-esquerda em todo o mundo, não é escamoteado, mas também é acertadamente racionalizado como uma resposta à violência policial. Não menos acertada é a inserção da luta dos Weather Underground no contexto das lutas políticas dos anos 60, a luta dos negros e a dos *civil rights* de modo geral, a luta contra a guerra do Vietname, aquilo que Pier Paolo Pasolini definiu como a “*religião da liberdade*” que percorria os Estados Unidos quando ele lá esteve pela primeira vez, em 1966. É esta consciência de não ser um grupúsculo alheio da realidade que torna plausível e necessário o alargamento do ponto de vista do filme. Ouvimos alguns exemplos do discurso do outro lado (policiais, procuradores, senadores) e sobretudo saímos do apartamento onde estão fechados os militantes clandestinos para o mundo exterior. Trechos de diversos filmes militantes são injetados em **Underground**, lembrando-nos que esta luta não era totalmente subterrânea, invisível, embora fosse muito minoritária. Do discurso geral passamos à ação concreta, não apenas às ações de rua (fabuloso o documento em que um polícia, que acabara de deter um militante, tem o seu cassetete arrancado das mãos e é atirado ao chão), mas às causas profundas da luta: a exclusão social, a segregação racial, o bombardeamento dos civis vietnamitas, supostamente em nome da liberdade. E estas causas profundas são mostradas através de indivíduos, de pessoas que são vítimas deste contexto, o que nos leva para muito longe dos discursos messiânicos ou da análise simplória dos mecanismos sociais. O mais extraordinário é que estas imagens anteriores à entrevista dos Weather Underground não se parecem de todo a um *flashback*, parecem a continuação da entrevista. É como se eles tivessem saído do apartamento para continuar a lutar, como se saíssem de uma cave para o ar livre. Não há cinema sem forma e Emile de Antonio é um grande cineasta porque tem domínio conceptual e artesanal sobre o que faz, como o prova este filme.

Antonio Rodrigues